

A CONSTRUÇÃO DO PAN-AMERICANISMO NA REVISTA *EM GUARDA*: O OLHAR NORTE-AMERICANO PELA “DEFESA” DAS AMÉRICAS (1941-1946).

Julio Cesar dos Santos SILVA* ¹

Resumo: O presente artigo discorre sobre o período de divulgação da revista *Em Guarda* (1941-1946). No decorrer de sua publicação, os norte-americanos apareciam como modelo de sociedade (político, cultural e social), enquanto aos latino-americanos cabia o papel de fornecer matérias-primas para a fabricação de produtos voltados à guerra. Pretendo discutir as estratégias adotadas pelo mensário na construção do discurso de união interamericana sob a ótica dos Estados Unidos. Desse modo, surgem novas possibilidades para o estudo das relações entre Brasil- Estados Unidos, em particular do pan-americanismo.

Palavras-chave: Pan-Americanismo, América Latina, Imprensa.

THE CONSTRUCTION OF THE PAN AMERICAN MAGAZINE *EM GUARDA*: LOOKING FOR “AMERICAN DEFENSE” OF THE AMERICAS (1941-1946).

Abstract: This article discusses the American magazine *Em Guarda* (1941-1946), during its publication the USA appeared as a model of society (political, cultural and social), while to the Latin Americans it was given the role of providing raw materials to manufactured products useful to the war effort. I want to discuss the strategies adopted by the monthly magazine in the construction of the discourse of Inter-American union from the perspective of the United States. Thus, we foresee new possibilities for the study of relations between Brazil and the United States, mainly the American view of Pan-Americanism.

Key words: Pan-Americanism, Latin America, Press.

* Julio Cesar dos Santos Silva é Mestre em História pela UINESP – Câmpus de Assis – Assis – Brasil - E-mail: juliohist@bol.com.br

Introdução

O ideal de cooperação continental na América não surgiu vinculado à Segunda Guerra. Desde o ciclo das independências ocorrido no século XIX, a discussão em torno da integração dos países esteve presente. Sob a iniciativa de Simon Bolívar, em 1826, foi organizado no Panamá o primeiro encontro interamericano. O objetivo era promover a aproximação dos países do Novo Mundo, com a formação de um bloco coeso capaz de afastar qualquer tipo de intervenção dos europeus. Todavia, desde 1815, Simon Bolívar defendia a causa da união entre os povos americanos, porém vaticinava acerca das dificuldades a serem transpostas:

É uma ideia grandiosa pretender formar de todo o Novo Mundo uma só nação, como vínculo que ligue suas partes entre si e com o todo. Já que se tem uma única origem, uma língua, os mesmos costumes e uma mesma religião, deveríamos, por consequência, ter um só governo da confederação dos diferentes Estados que venham a se formar; mas isso não é possível porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, caracteres dessemelhantes dividem a América. Que belo seria se o Istmo do Panamá fosse para nós o que o Corinto foi para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a sorte de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios para tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras partes do mundo.²

Outra visão acerca da integração das Américas apareceu em 1823, quando o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, enviou para o congresso a mensagem que se tornou conhecida como Doutrina Monroe.³ Sintetizada pela expressão *América para os americanos*, defendia a intervenção norte-americana em caso de ameaça europeia e a conservação dos direitos dos povos americanos de determinarem, de forma independente, os interesses nacionais - desde que monitorados pelos estadunidenses.⁴

Várias conferências foram organizadas visando à discussão pan-americanista.⁵ Nos documentos produzidos por esses encontros entre os países americanos, aparecem vários conceitos que definiriam esse desejo de união: “pan-americanismo”, “cooperação interamericana”, “americanismo” e “interamericanismo”. Importante notar que algumas dessas denominações foram empregadas posteriormente ao século XIX.⁶

No decorrer desses encontros diplomáticos, dois discursos circulavam entre os países participantes: o *pan-americanista*, vinculado aos interesses norte-americanos e aos princípios da Doutrina Monroe; e o *latino-americanista*, inspirado no bolivarismo, cujas diferenças eram bastante evidentes. Segundo Glinkin, enquanto o modelo forjado nos Estados Unidos pretendia-se isolacionista, isto é, construía uma dicotomia entre os estadunidenses e os “outros”, o pan-americanismo latino visava o bem comum dos países envolvidos e buscava o diálogo com ou outras regiões a partir de uma confederação de países latinos.⁷

O pan-americanismo propugnado pela revista *Em Guarda* aproximava-se, nos objetivos, da primeira corrente de ideias. Saíam de cena a truculência do exército estadunidense, as resoluções imperialistas e as armas para a aparição dos filmes comerciais da Coca-Cola, os astros de Hollywood e a sedução do presidente norte-americano Franklin Roosevelt. Assim, a política da boa vizinhança representou uma mudança nos instrumentos que garantiam a hegemonia dos EUA no continente, cujos objetivos continuavam os mesmos – a expansão política, econômica e militar em contraposição ao adensamento das redes nazistas na América. Numa época de crise econômica, era preciso garantir matérias-primas, mercado consumidor e confiabilidade dos investimentos, correndo o país, sobretudo as grandes corporações, os mesmos riscos possíveis, sobretudo as grandes corporações do país.

O retorno ao ideário pan-americano na década de 30 permitiu à ressignificação da doutrina Monroe como diretriz da política externa dos Estados Unidos. Osvaldo Aranha, embaixador brasileiro, sintetizou os interesses envolvidos e as reais intenções de Roosevelt para as Américas:

O Pan-americanismo permitia aos Estados Unidos assumir a posição de defensores do continente e, ao mesmo tempo, servir ao seu povo “fantasias internacionais” de assimilação agradável e inócua. O revigoramento da Cruzada da Boa Vizinhança seria a salvação de Roosevelt porque tinha alguma coisa de Cruz Vermelha, Exército da Salvação, Fundação Rockefeller, filantropia religiosa e Puritanismo expansionista, que são o coração e a alma deste país. Com as repúblicas latino-americanas firmemente alinhadas, estaria em condições de fazer frente à Alemanha e ao Japão (...). A política de Roosevelt visava preservar a amizade brasileira mediante a americanização ou, pelo menos, a pan-americanização do Brasil, antes que ele se europeíze, hitlerize, ou mussolinize de todo.⁸

Na tarefa de conquistar “corações e mentes” para a causa aliada foi criada uma agência, subordinada ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, cuja tarefa principal era sistematizar as informações que os norte-americanos desejavam transmitir para o restante do continente. Em 16 de agosto de 1940 surgia o *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCCIA), sob a supervisão do magnata Nelson Rockefeller. O diretor do *Office* era um dos herdeiros do capitalismo monopolista capitaneado por John D. Rockefeller que, no final do século XIX, constituiu a maior fortuna da época. Como legatário desse império, ele tinha algum conhecimento e experiência no cenário da América Latina, pois visitava com frequência as filiais da *Standard Oil*, ora supervisionando-as, ora buscando com os governos locais acordos de cooperação.⁹ ora buscando aos governos locais acordos de cooperação. Assim, Nelson Rockefeller já havia desempenhado um papel análogo ao que o governo norte-americano pretendia com a política da boa vizinhança.

Em seis anos de funcionamento, o *Office* contou com orçamento de 140 milhões de dólares e empregou 1.100 pessoas nos Estados Unidos e 200 no estrangeiro. Possuía escritórios em 20 países americanos e dividia-se em quatro setores de atuação: a) comunicações (rádio, cinema, imprensa e esportes); b) relações culturais (arte, música, literatura, educação); c) saúde (problemas sanitários) e comercial/financeira (exportação, transporte, finanças e desenvolvimento). No Brasil, o *Office* foi representado pelo empresário Berent Friele do escritório central no Rio de Janeiro. A agência contava ainda com unidades em Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

A manutenção dessa estrutura era garantida pelas doações de grandes empresas instaladas no país como a *Standard Oil*, *Metro Goldwin Mayer* e a *General Motors*. Para incrementar os objetivos do *Office*, Rockefeller buscou o auxílio do Instituto de pesquisa Gallup que realizou duas aferições: no Brasil, a pesquisa foi feita para conhecer os gostos, hábitos e opiniões a respeito dos norte-americanos, e nos Estados Unidos, para de avaliar a atitude dos americanos em relação aos latino-americanos.

De acordo com o historiador Gerson Moura, a presença efetiva dos valores políticos, econômicos e culturais dos Estados Unidos (“Tio Sam”) no Brasil efetivou-se simultaneamente à criação do *Office*. Segundo Moura:

(...) a chegada visível de Tio Sam ao Brasil aconteceu mesmo no início dos anos 40, e condições e propósitos

muito bem definidos. A presença econômica, menos visível, era bem anterior a certas manifestações culturais, como o cinema de Hollywood, já inculcava valores e ampliavam mercados no Brasil. [...] Proclamava-se naquela época a idéia de uma política de boa vizinhança entre os Estados Unidos e os demais países americanos. Essa boa vizinhança significaria um convívio harmônico e respeitoso entre os países do continente. Significaria também uma política de troca generalizada de mercadorias, valores e bens culturais entre os Estados Unidos e o restante da América. Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada Coca-Cola. Começaram também a trocar sorvetes feitos em pequenas sorveterias por um sucedâneo industrial chamado Kibon, produzido por uma companhia que se deslocara às pressas da Ásia, por efeito da guerra. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada chiclets e começaram a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua escrita. Passaram a ouvir o foxtrote, o jazz, o boogie-woogie entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (Pan-American), deixando para trás os “aeroplanos” da Lati e da Condor. A boa vizinhança apresentava-se como uma avenida larga, de mão dupla, isto é, um intercâmbio de valores culturais entre duas sociedades. Na prática, a fantástica diferença de recursos de difusão cultural dos dois países produziu uma influência de direção praticamente única, de lá para cá.¹⁰

Segundo o historiador Wagner Pinheiro Pereira, as empresas de Hollywood foram incentivadas a produzir filmes com as seguintes finalidades: “*exaltando grandes personagens da história latino-americana - como Benito Juarez; ambientando seus filmes no Brasil, México, Argentina ou Cuba; alardeando a supremacia agrícola dos Estados Unidos e demonstrando a existência de solidariedade racial entre os norte-americanos*”.¹¹

Os estúdios Disney também entraram na cruzada pela integração das Américas. Em 1943 era lançada a película *Alô Amigos*, que resultava de um *tour* de Walt Disney e seus artistas pelo continente. Apesar do caráter propagandístico da obra, o trabalho do diretor norte-americano era uma boa fonte de entretenimento, em oposição aos filmes de propaganda do cinema russo ou alemão.

Com apenas 42 minutos, *Alô Amigos* era dividido em quatro partes distintas. No primeiro segmento “Lago Titicaca”, que representava o Peru e a Bolívia, o Pato Donald era retratado como um típico turista americano. Com sua câmera fotográfica

em mãos, ele explorava os nativos e os costumes regionais, concluindo com um arriscado passeio de *Ihama* em uma ponte suspensa. “Pedro” explora as aventuras de um pequeno avião que precisava voar sobre as perigosas montanhas do Chile para resgatar o correio. Em “O Gaúcho Pateta”, o personagem era transportado de um cenário texano para os pampas argentinos, onde deveria aprender o modo de vida dos gaúchos. E, finalmente, “Aquarela do Brasil” apresentava o papagaio José Carioca, que levava Donald a um passeio pelas ruas e clubes noturnos do Rio de Janeiro.¹²

Na construção das personagens do filme, Walt Disney utilizou alguns dos estereótipos que eram identificados com os latino-americanos. Pato Donald era o típico cidadão norte-americano, culto, metódico e de gestos contidos. Panchito, a simpática ave de sombrero, representava a emoção do mexicano, o traço exagerado, de “sangue” latino no qual as disputas eram resolvidas à bala. Finalmente, o simpático carioca Zé Carioca era o arquétipo do malandro carioca que perambulava nos becos do bairro boêmio da Lapa na década de 1930. Além de arrastar milhares de pessoas pelos cinemas das Américas, os “cavaleiros” do pan-americanismo mantinham afastado o perigo externo da eficaz máquina propagandística nazista.



Figura 1: Na cruzada pan-americana, os estúdios Disney criaram personagens que sintetizavam a cooperação entre os povos do continente. *Em Guarda*, ano 4, nº. 03, p. 20-21.

O projeto editorial da revista *Em Guarda*

Os objetivos da revista foram expostos na primeira página do número inaugural, porém não foi possível determinar a autoria do texto. Antecedido por uma fotografia de Roosevelt, o artigo discorria sobre o perigo potencial que a Segunda

Guerra, até então circunscrita à Europa, poderia representar para as Américas. O tema do exemplar era indicado pela fotografia da capa. As considerações presentes na primeira edição de *Em Guarda* direcionavam-se para a Marinha dos Estados Unidos, responsável por salvaguardar os dois oceanos que margeavam o continente. A ênfase na área explicava-se pelo interesse do presidente norte-americano, que via o domínio dos mares primordial na guerra. Para Jon Meacham:

(...) Roosevelt era estudioso dos escritos do almirante Alfred Thayer Mahan. Este sustentava que o controle dos mares era essencial para a capacidade de um país projetar poder – lição que os ingleses conheciam bem, pois o poderio da Marinha Real tinha sido elemento fundamental para a construção do império. Agora Roosevelt queria o controle do mar, e as bases navais britânicas eram a chave do controle do Atlântico.¹³

O texto esclarecia: *É aspiração dos amigos das Américas, que conceberam a idéia de editar essa revista, dela fazerem um órgão de divulgação dos fatores principais que afetam o presente e o futuro dos nossos povos.*¹⁴ Nota-se que, desde o primeiro instante, o projeto da revista foi fruto de uma aspiração coletiva, o que pode ser interpretado como uma tentativa de não tomar a publicação como instrumento de propaganda política norte-americana. Além disso, objetivava converter os que simpatizavam com o Eixo no continente americano ao ideal de pan-americanismo.

O editorial fazia ainda uma ampla defesa da democracia e da importância do papel reservado às Américas. No trecho do discurso de posse do presidente Roosevelt para o seu terceiro mandato, em janeiro de 1941, a revista completava:

A aspiração democrática não é meramente um aspecto hodierno da história da humanidade. Ela se entreteceu na vida antiga dos povos primitivos. Flamejou de novo na Idade Média. E ficou consagrada na Magna Carta. Nas Américas o seu ímpeto tem sido irresistível. A América tem sido o Novo Mundo em todas as línguas e para todos os povos, não porque este continente tivesse sido terra recém-descoberta, mas sim porque todos os que aportaram abrigavam a confiança de que aqui poderiam criar vida nova, vida que seria nova por sua liberdade.¹⁵

Democracia, Liberdade, Américas – eis os termos então invocados para fundamentar a união de todos os latino-americanos. Nas diferentes esferas da

sociedade norte-americana, havia a percepção de que a excepcionalidade daquele país havia sido gerada a partir do desembarque dos primeiros ingleses que aportaram do *Mayflower* em 1620 (expatriados pelo absolutismo e pelas guerras religiosas europeias durante o século XVII). A História era chamada a testemunhar sobre a trajetória dos ideais democráticos desde os povos primitivos até sua efetivação em terreno fértil, transformado na América. Entretanto, há de se considerar que se tratava de um discurso de posse em um momento crítico da guerra, no qual os principais aliados europeus estavam subjugados pelos alemães – exceção feita à Inglaterra. O texto precisava transmitir esperanças de que os Estados Unidos continuariam a lutar pela libertação dos povos democráticos do “Velho” e do “Novo” Mundo, e isso além de suas fronteiras.

A ideia do povo em expansão aparecia de maneira velada em muitos artigos da revista *Em Guarda*. A discussão sobre o papel da *fronteira* na História Americana remontava a um debate de final do século XIX. Em 1893, numa conferência na Sociedade de História Americana, Frederick Jackson Turner discorreu sobre o significado da expansão para o Oeste e defendeu a tese segundo a qual o desenvolvimento dos Estados Unidos poderia ser explicado pela existência de uma área de terra livre e pelo avanço da colonização em direção ao Oeste. O distanciamento do homem que ali residia, vivendo em um meio hostil, faria dele um indivíduo distante das forças europeias e livre das lutas fratricidas registradas do outro lado do Atlântico. Afirma Turner:

A peculiaridade das instituições americanas se deve ao fato de terem sido compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo em expansão – às transformações decorrentes da travessia de um continente, do desbravamento de terras selvagens e deslançando, em cada área desse progresso, as condições econômicas e políticas primitivas da fronteira para alcançar a complexidade da vida urbana.¹⁶

Nos dois números iniciais, *Em Guarda* apresentou-se como uma publicação destinada às questões militares, sobretudo àquelas diretamente relacionadas à preparação dos Estados Unidos para a Segunda Guerra. As dimensões eram de aproximadamente 29 cm X 26 cm, com média de 44 páginas por edição não numeradas. O papel utilizado era do tipo cartão e as fotos em preto e branco. Os textos sobressaíam pela erudição e complexidade das análises. A face externa da capa trazia na parte superior o nome da revista impresso em um tamanho pouco

menor do que o da revista que seria posteriormente conhecida (3,5 cm X 2 cm). Logo abaixo, a foto em preto e branco de um equipamento bélico, predominava. A primeira página não trazia o sumário com o rol das reportagens da edição, mas uma fotografia. Esta introduzia o leitor à temática tratada naquele número. Ao final, tínhamos os objetivos da revista: *Em Guarda – revista destinada a informar os povos da América sobre o programa de defesa nacional e continental dos Estados Unidos.*¹⁷



Figura 2: Capa da primeira edição da Revista *Em Guarda*, Ano 1, nº 01.

A partir da edição de número 03, *Em Guarda* conheceu profundas mudanças em seu projeto gráfico, que se manteve ao longo das quarenta e seis edições subsequentes. Além das dimensões maiores (35 cm X 26 cm), incluiu fotografias, que mostravam o desenrolar da guerra. A impressão era feita em papel *couché*, mais apropriado para o tipo de imagens que a revista objetivava veicular. Na capa, o frontispício trazia o nome da revista em cor branca, sob um segundo plano que variou nas cores amarela, roxa, azul ou vermelha. O subtítulo *Para a defesa das Américas* figurou logo abaixo do título, ao lado da indicação do ano e do número. Nenhuma das edições da revista trouxe impressos o dia, mês e ano de sua publicação. Essas informações foram obtidas, no decorrer da pesquisa, por meio da análise dos textos e das fotografias que faziam alusão às batalhas ou fatos políticos.¹⁸

A face externa da capa era preenchida por uma ampla fotografia (29 cm X 26 cm) de militares ou políticos norte-americanos proeminentes ou, ainda, de algum equipamento bélico. A opção de reservar o maior espaço da capa para essas temáticas pode ser interpretada como expressão dos objetivos da revista, pois, para um público ávido de informações provenientes das frentes de batalha, somente a utilização de imagens poderia conferir veracidade aos fatos e reproduzir a dramaticidade do conflito. Além disso, não se podem desprezar os altos índices de analfabetismo na América Latina, o que tornava a utilização de fotografias mais eficaz na transmissão de mensagens políticas.

Todavia, os retratos que compunham as capas da revista eram, na sua maioria, fotos posadas e nas quais se observa a intenção do fotógrafo de atribuir à personagem perspectiva grandiloquente. Ao apresentar o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, *Em Guarda* o fez em meio à papéis e livros, o que denotava a ideia de trabalho e estudo.



Figura 3: Capa da revista, com a foto do presidente Truman.
Em Guarda, Ano 4, nº07.

Em quatro anos de publicação, a revista publicou 636 reportagens, sempre entremeadas de fotos – em média eram 95 por número, cada uma ocupando cerca de 60% da página. Apesar dos textos, as temáticas eram diversificadas: notícias do *front* na Europa e na Ásia (147); mobilização interna nos Estados Unidos (103); tecnologia bélica (88); cooperação pan-americana (65); biografias (42); histórias dos países das Américas (47); Brasil (42); documentos referentes ao pós-guerra (40); cultura geral das Américas (23); mulher na frente de trabalho (13); propaganda contra os países do Eixo – especialmente os nazistas (12); intercâmbio de estudantes latino-americanos nas escolas militares norte-americanas (08) e mensagens de guerra (06).

O fascículo abria-se com um conjunto de reportagens relacionadas ao assunto principal do volume. Estas eram antecedidas por uma fotografia que ocupava todo o espaço da face interna da capa (36 cm X 26 cm), tinha como objetivo apresentar ao leitor o artigo inicial. A temática das matérias seguia o mesmo padrão, ou seja: novidades das frentes de batalha, entrada de algum país americano na guerra ou ainda, após 1943 com as sucessivas vitórias dos Aliados na Europa, as conferências que visavam à organização política no mundo do pós-guerra.

Desde o primeiro número, os editores da revista preocuparam-se em demonstrar a identidade das Américas. Assim, nos quatro anos em que foi editada,

Em Guarda publicou reportagens descrevendo a história, a geografia, a cultura e a política dos países da região. Os principais foram: Brasil (40), Chile (05), México (04), Uruguai (04), Panamá (03), Paraguai (03), Peru (03), Bolívia (02), Canadá (02), Equador (02), Guatemala (02), Haiti (02), Venezuela (02), Colômbia (01), Costa Rica (01), Cuba (01), Honduras (01), Nicarágua (01), República Dominicana (01) e República do El Salvador (01). Cabe ressaltar que esta listagem não inclui as referências indiretas em outras reportagens.

Essa relação suscita três observações. A primeira, diz respeito à ausência da Argentina na publicação. Não há elementos para confirmar se na edição da revista em língua espanhola isso também ocorreu. Já no que se refere à ampla presença dos países da América Central, nota-se que desde as intervenções militares do início do século XX, os Estados Unidos consideraram a região como sua área de influência. Mesmo com a política da boa vizinhança arquitetada pelo governo Roosevelt, permaneceu a noção de que se tratava de repúblicas fracas politicamente e importantes apenas por produzirem produtos primários que interessavam aos norte-americanos – banana, cana de açúcar e tabaco.

Escrita em língua portuguesa, o que mostra a importância do Brasil para o *Office*, causa estranheza a pequena quantidade de reportagens referentes ao país. O conteúdo publicado versava sobre três assuntos principais: notícias sobre a mobilização militar brasileira na guerra; descrição de aspectos históricos e geográficos de cidades e notas sobre as riquezas naturais, que poderiam ser utilizadas para a fabricação de equipamentos bélicos – a borracha era alvo especial do periódico.

O fascículo fechava-se com a face interna da contracapa, na qual se estampava uma fotografia sangrada,¹⁹ que tratada de temas diversos: equipamentos bélicos, fotos de crianças órfãs, pessoas agradecendo soldados (predominantemente americanos), combatente em ação, cotidiano civil das cidades arrasadas pela guerra e as últimas novidades, sobretudo na esfera política. A contracapa, invariavelmente, seguia esse mesmo padrão observado em sua parte interna, exceção feita a algumas edições que traziam a programação em português das rádios dos Estados Unidos, sua duração e instruções de como sintonizar as emissoras em todas as repúblicas americanas.²⁰

Figura 4: A programação dos rádios norte-americanos era destacada na contracapa da revista. *Em Guarda*, Ano 1, nº. 10.

Dentre os diversos discursos difundidos por *Em Guarda*, sobressaía o modo de vida americano (*american way of life*). As reportagens giravam em torno do binômio modernidade/civilização, em oposição à barbárie e ao atraso latino-americano, patente, por exemplo, na série sobre a tecnologia empregada na agricultura. Para o governo Roosevelt, o pan-americanismo deveria incorporar uma série de fatores, como localização geográfica, interesses econômicos e aspirações nacionais que possibilitassem maior aproximação continental.

Havia uma certa forma de estruturação entre texto e imagens que se repetia com o objetivo de descrever a unidade interamericana. Em relação ao discurso forjado pelo periódico, podem-se destacar três diretrizes básicas que orientavam a sua linha editorial. Primeiro, a excepcionalidade do povo norte-americano, sintetizada na intensa mobilização para “salvar” as democracias francesa e inglesa, o sacrifício individual dos cidadãos, a venda de bônus para financiar a guerra e a produção crescente de equipamentos bélicos foram assuntos recorrentes nas páginas do periódico. Em segundo lugar, a revista *Em Guarda* trazia textos que destacavam o esforço dos “amigos” das Américas pela união interamericana. Desta forma, percebe-se que havia uma intenção deliberada dos editores em construir uma ordem na qual os Estados Unidos ocupariam o topo, enquanto aos aliados do continente era reservado o papel de meros fornecedores de produtos agroexportados.

Ao lado do esforço norte-americano e do pan-americanismo, o terceiro ponto que versava acerca do debate sobre a modernidade figurou no periódico como um tópico primordial na constituição do ideal pan-americanista, apregoado pelos Estados Unidos. Contudo, é preciso ter em conta que o tema vinha implícito nas reportagens da revista, ferrenha defensora do domínio da máquina sobre o homem.

A propaganda da democracia e do *american way of life* era o contraponto ao totalitarismo alemão que rondava a região. Assim, a instrumentalização das relações

culturais – por meio de revistas, filmes e livros – planejada pelo governo norte-americano, se constituiu um dos métodos de domínio eficaz na consolidação da hegemonia estadunidense. Na definição do pensador da História das Relações Exteriores, Hans Morgenthau, a eficácia de tal estratégia – apoiada na massiva propagação ideológica - era afiançada pelo poder de persuasão da nação mais poderosa:

Não obstante haver razões que parecem aconselhar ao termo cultural. Primeiro porque por uma parte engloba a todos os tipos de influências intelectuais, políticas e de outras classes que funcionam como meios para os objetivos imperialistas. Assim, o chamado imperialismo cultural é mais sutil, de maior êxito das políticas imperialistas. Não pretende a conquista de um território e/ou o controle econômico, mas sim o controle das mentes dos homens como ferramentas para a modificação das relações de poder entre as nações. Se pudermos imaginar a cultura e mas, particularmente, a ideologia política de um estado A com todos seus objetivos imperialistas concretos de conquistar as mentalidades de todos os cidadãos que fazem a política do estado B, observaríamos que o primeiro dos estados consegue uma vitória mais que completa em haver estabelecido seu domínio sobre uma base mais sólida que qualquer conquista militar ou econômica. O estado A não necessita ameaçar com sua força militar ou usar pressões econômicas para chegar aos seus objetivos. Para isto, a subordinação do estado B a sua vontade é produzida pela persuasão de uma cultura superior e pelos meios mais atrativos de sua filosofia política.²¹

Os atributos do pan-americanismo – união interamericana, feitos históricos gloriosos, habitantes dotados de espírito liberal e cristão, modernidade – acabaram creditados igualmente a todos os indivíduos das Américas, quando na realidade, somente aos norte-americanos poderiam ser conferidos tais atributos. Nas páginas da revista *Em Guarda* é possível acompanhar os passos dessa construção que atribuía aos Estados Unidos toda e qualquer positividade contida na ideia de pan-americanismo.

A união interamericana

Por mais amplos que fossem os temas abordados pela revista *Em Guarda*, em um ponto parecia existir concordância: a América Latina deveria permanecer unida

contra qualquer ameaça externa. A visão grandiosa fornecida pelo mensário era construída a partir de alguns elementos preestabelecidos: a história, a tradição, a cultura e a religiosidade dos indivíduos que coabitavam a América Latina. Na constituição desse discurso, os editores utilizavam-se de vários artifícios típicos da propaganda política: maniqueísmo, iconografia, textos de caráter grandiloquente e marcados pela iniciativa da ação, ordenação e classificação de amigos e inimigos. Especialmente a partir de 1942, o contexto da guerra parecia demandar uma atuação mais firme por parte do governo estadunidense.

A América Latina era entendida como um grande celeiro, responsável pelos víveres dos povos que lutavam contra a tirania nazista. Contudo, apesar da profusão de produtos primários, a fabricação do continente ficava aquém da real capacidade de produção. Assim, sob o ponto de vista do periódico, faltava a implantação de técnicas modernas que extraíssem todas as riquezas do solo:

Os Estados Unidos firmaram acordo com quatro nações americanas, a República do Salvador, Peru, Nicarágua e Equador, para o estabelecimento de estações de experimentação. A do Peru, que será localizada na zona de Tingo Marin, na fralda dos Andes peruanos, irá favorecer ao grande projeto de colonização iniciado pelo governo da república. Os Estados Unidos fornecerão o equipamento necessário, naquilo que o Peru não tiver, juntamente com um grupo de consultores técnicos. O propósito da estação experimental é fomentar o desenvolvimento da boa agricultura em toda a zona peruana do vale do Amazonas. Serão estabelecidas granjas para demonstrações, e seus produtos serão distribuídos gratuitamente para servirem de aplicação em outros centros de fomento agrícola. Atenção especial é dada à indústria extrativa representada pela borracha e óleos. Far-se-à também a localização de um centro para produção de víveres para casos de emergência e para atender às necessidades de obras de saneamento indispensáveis ao vasto programa.²²

O auxílio dos Estados Unidos não se restringia ao fornecimento de máquinas e técnicos especializados. O intercâmbio de estudantes das republicas do continente era uma prática incentivada pela revista, que enfatizava a cooperação acadêmica das Américas. Os aspirantes viajavam para um período de aprendizagem nas universidades norte-americanas, onde aprendiam “modernas” técnicas de manejo e a língua inglesa. A rotina dos aprendizes em solo estrangeiro seguia um padrão, exemplificado no trecho a seguir:

Ao chegarem aos Estados Unidos, os estudantes sul-americanos primeiro dirigem-se a Washington, como convidados do Departamento de Agricultura. Entre suas aulas de inglês, familiarizam-se com os últimos trabalhos do Departamento em matéria de criação de galinhas e de gado. No Centro de Pesquisas de Beltsville, mantido pela mesma repartição oficial, no Estado de Maryland, vizinho da capital norte-americana, os estudantes ficam ao par dos métodos mais modernos sobre pecuária, rotação de culturas e fruticultura. Visitam várias fazendas de criação e plantações particulares, assim como as estações experimentais da Universidade do Estado de Maryland. Informam-se então da maneira como são rapidamente disseminados pelo país inteiro, entre todos os interessados, os novos conhecimentos científicos através de um sistema de demonstrações a cargo de funcionários estaduais e municipais. Se algum estudante pretende lecionar agricultura em sua pátria, ou ser agente demonstrador, passa a maior parte do seu curso nos Estados Unidos nos escritórios especiais, estaduais e municipais, que lhe facilitam direto contato com os agricultores e seus problemas locais. Os estudantes freqüentemente acompanham os agentes demonstradores em suas visitas às diversas fazendas e plantações, observando, estudando e discutindo problemas referentes a culturas de frutas, ao mercado de galináceos ou de produtos lácteos (...). Para facilitar ao estudante maior aproveitamento, esse estágio prático é feito de preferência numa zona cujo clima e tipo de lavoura mais se assemelhem ao do seu país.²³

Era como se um francês fosse aprender sobre vinhos nos Estados Unidos. Para conhecer a si próprio e a História de sua nação, o individuo residente na América Latina teria de se deslocar até ao território norte-americano e tomar contato com a produção científica da região. A natureza, tal como uma máquina, deveria ser explorada, catalogada e posta a serviço do homem. Exemplo do autoritarismo revestido de ciência, o discurso construído pelo mensário desconsiderava a plêiade de tradições e culturas presentes ao sul do continente, além de reafirmar a posição incontestada dos norte-americanos no campo científico.



Figura 5: Nas páginas da revista, a agricultura era abordada a partir de parâmetros científicos. *Em Guarda*, "Agricultura científica", Ano 4, nº 05, p. 16.

O governo Vargas, tal como Roosevelt nos Estados Unidos, era exaltado como o marco que mudara a economia e colocara o Brasil no rol dos países em constante progresso:

O ritmo de progresso que tem caracterizado a última década brasileira sincroniza-se com a excelente oportunidade que o presente lhe assegura para o futuro. Esse progresso, entanto, é marcadamente a consequência de um esforço para colocar o país e seu povo nos justos níveis das conquistas do trabalho como finalidade de sua própria existência. É esse um diligente esforço que só poderá realizar-se em ambiente de paz e concórdia e de absoluta consagração universal ao respeito devido às obrigações internacionais. Tudo quanto vier perturbar esse princípio, e manifestar-se para a nação mesmo em simples forma de ameaça, há de encontrá-la preparada para determinar o seu curso de ação. Ao preparar-se militarmente, o Brasil, como outras nações, procura garantir-se contra qualquer solução de continuidade ao seu progresso, armando-se, portanto, de conformidade com as contingências do presente.²⁴

Entretanto, o relato acerca do progresso brasileiro não fazia dele uma exceção diante dos demais países abordados no periódico. Persistia o roteiro pragmático de realçar os produtos naturais com que o Brasil viria a contribuir no conflito mundial: minérios, cobre, borracha. O pan-americanismo sob os auspícios dos Estados Unidos ordenava às nações do continente, ditando as obrigações que cada um deveria cumprir:

A posição firme do Brasil entre as nações que se consagram aos ideais da Liberdade, destacou-se pela importância da sua estabilidade econômica e progresso industrial no continente sul-americano. Sua rápida transição, de país essencialmente agrícola, para uma potência industrial, constitui uma das extraordinárias revelações da história

contemporânea. Produtos de manufatura brasileira, não somente estão suprindo as necessidades do mercado interno nacional, como também as de outras repúblicas do continente (...). Embora continue a abastecer os Estados Unidos com crescente volume de suas matérias primas e outros produtos que tem encontrado rendoso mercado, tais como café, borracha, açúcar, cacau, ervas medicinais, manganês e bauxita, o Brasil está fornecendo alguns dos elementos básicos dos mais essenciais à produção industrial de guerra norte-americana. Dentre eles, destacam-se a mica, zinco, molibdênio, níquel, mercúrio, gipsum, grafite, piritos e diamantes industriais.²⁵

Aliás, na mesma reportagem, o tom utilizado comparava-se ao folheto turístico voltado a apresentar o Brasil para estrangeiros. Abria a narrativa uma fotografia do Cristo Redentor, tendo ao fundo a predominância da cor azul do céu. Contemplava a cena a figura do turista sob dupla perspectiva de veneração e de pequenez perante a estátua. A mesma lógica de inspiração, que exibia o país no exterior, era mobilizada na direção para afirmar os investimentos na infraestrutura brasileira. Outros temas cadentes no texto consistiam na análise dos materiais bélicos do exército – *destroyers*, aviões e marinha mercante -, além da importante questão geopolítica relacionada à cessão de bases militares na região nordeste:

Na área do Atlântico, Natal é o ponto mais próximo entre os hemisférios ocidental e oriental. Por isso mesmo, o Brasil estava ativa e eficientemente preparando a defesa desse contorno estratégico vital da costa americana. Numerosas forças militares de todas as armas, dispondo do mais moderno equipamento, montavam guarda à integridade territorial da nação e do continente. E a ilha de Fernando de Noronha constituía posto avançado, convenientemente fortificado para o mesmo fim.²⁶



Figura 6: *Em Guarda*. “Brasil”, Ano 1, nº 10, p.10.

Em síntese, pode-se afirmar que na revista *Em Guarda* as análises que tentavam avaliar os componentes que integravam o pan-americanismo continham uma dose de preconceitos, estereótipos e até mesmo discriminação em relação aos países da América Latina. Essa leitura particular reservava aos Estados Unidos papel primordial na defesa do continente, bem como os elevava ao patamar de “arsenal da democracia” e seu último bastião. Cabia aos estadunidenses - portadores do saber científico – o domínio da natureza por meio da transformação das matérias primas da região em equipamentos bélicos, e nada mais apropriado para tal intento que a existência de um moderno parque industrial, além de um povo excepcional. Esses são os elementos que, sob a ótica do periódico, fariam a diferença na vitória das nações aliadas e no fim da tirania nazista.

Arsenal da democracia

Com o objetivo de angariar o apoio dos latino-americanos e, em especial, dos leitores brasileiros, a publicação trouxe, mesmo antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, reportagens que relatavam os preparativos para um possível embate. Além de informar, mediante ampla utilização de gráficos, mapas e dados estatísticos, tais escritos tinham a evidente tarefa de convencer o seu leitor de que, em caso de eventual agressão às Américas, o governo estadunidense e seus aliados estariam preparados para o contra-ataque.

Meses antes da ofensiva japonesa a Pearl Harbour, a revista publicou análises e relatórios sobre os programas de mobilização para a guerra. O número 2, – provavelmente de outubro/novembro de 1941 – foi dedicado aos recursos naturais e combustíveis necessários para o conflito. A estratégia usada pelos editores era comparar as estruturas alemãs e norte-americanas que cada país teria à disposição. O texto de abertura – que se poderia definir como o editorial da revista - *O arsenal da democracia: os vastos recursos e o gênio inventivo dos EUA enfrentam a defesa do Hemisfério Ocidental* – tratava da questão e realçava as qualidades daquele país. O autor, não identificado, iniciava com explanação sobre o gênio inventivo norte-americano, em oposição à barbárie alemã:

A capacidade de uma nação para se defender, no mundo hodierno [*dos dias de hoje*], não depende só do tamanho do seu exército ou da sua marinha de guerra. Podem alcançar os primeiros sucessos as nações belicosas que depauperam

os seus povos para manter enormes exércitos com o fim de rapinar os seus vizinhos indefesos. Mas os primeiros sucessos apenas. Hoje em dia vitória decisiva das armas reside na capacidade produtiva da nação, nos recursos, e na habilidade e intelecto do seu povo. O que importa não é o número mas a qualidade dos aviões.²⁷

Os articulistas da revista *Em Guarda* entendiam que somente por meio da cooperação interamericana seria possível afastar o perigo alemão. As Américas integravam-se geograficamente ao que o periódico definia como “Hemisfério Ocidental”. Era evidente que tal estratégia fazia parte da constituição da política externa norte-americana, definida a partir de uma hierarquia de poder que conferia ao resto do continente o papel de “empório” dos países aliados.

A figura 7 estampava um panorama da energia mundial do momento. Nota-se, pela representação, o fato de os Estados Unidos possuírem três vezes mais capacidade energética do que a Europa unida. No texto explicativo que acompanhava a figura lia-se:

O mundo agita-se, luta, e produz por meio de máquinas. São elas os instrumentos de paz e de guerra. O seu senhor é o homem, mas o que as impulsiona, transformando-as de metal estático em músculos da indústria, é a energia: a energia das usinas hidroelétricas coordenada com a das usinas de vapor por uma rede nacional de fios condutores. Esta energia doa ao Hemisfério Ocidental a força motriz que lhe brinda decidida superioridade industrial em relação ao resto do mundo. A tabela indica a distribuição de energia no mundo.²⁸



Figura 7: Representação gráfica sobre a energia mundial. *Em Guarda*. “Arsenal da Democracia”, Ano 1, Volume 2, p. 01.

O periódico desempenhava papel de porta-voz do Departamento de Estado do governo Roosevelt, ao invocar a ideia do pan-americanismo como a ideologia motriz no combate aos nazistas. A consolidação de tal ideário era explicitada por meio da classificação de importância dos países, isto é, à medida que cada aliado americano a contribuísse com a matéria-prima que possuísse em maior abundância.

(...) dos arsenais de América do Norte saem novos exércitos, uma armada sem outra que se lhe compare, uma força aérea já enorme e a crescer continuamente; uma torrente de armas e munições como jamais se viu na história do nosso continente – material bélico do mais moderno e poderoso. Dos campos e jazidas do Novo Mundo – cobre, estanho, chumbo, zinco e tantos outros metais; lã, couros e demais produtos da Argentina e do Uruguai; diamantes e manganês do Brasil; petróleo da Venezuela, Colômbia, México e Peru, e uma aluvião de produtos básicos de todas as Repúblicas Americanas. Seus produtores são os defensores da liberdade tanto como soldados, marinheiros e aviadores.²⁹

Ademais do rol de produtos elencados, o texto projetava a imagem de uma América jovem, rica e livre das velhas tradições que levaram a Europa aos conflitos fratricidas. Frequentemente mobilizava-se a palavra “arsenal” que, segundo o dicionário Aurélio, remete ao significado de *armazéns e dependências para fabrico e/ou guarda de munições e petrechos de guerra*.³⁰ A mensagem para os leitores era direta: o continente – sob a liderança dos estadunidenses – desempenhava a função de depósito de matérias-primas que derrotaria o autoritarismo e a barbárie advindos com a ascensão de Hitler ao poder. A diretriz de *Em Guarda* relatava:

Para ganhar a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos terão de participar na defesa do Hemisfério Ocidental, e manter constante o fornecimento de material bélico à Gran-Bretanha, Rússia, China, e possessões holandesas. Além disso, as forças americanas terão de fazer a guerra em todos os pontos onde estiver o inimigo (...). O soldado americano enfrenta esta guerra sob prementes condições de ver-se forçado a lutar nos mais longínquos campos de batalha. Mas a certeza da vitória está no fato essencial de poder o seu país equipá-lo para vencer.³¹

Preparando para o ataque

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, a linha editorial do mensário se modificou. A preocupação primaz dos editores era evidenciar a extraordinária máquina de guerra norte-americana – ou pelo menos transmitir tal imagem aos leitores. Em seguida, elencar os aliados preferenciais, ou seja, as Américas Unidas em torno do ideário pan-americano e definir os inimigos a combater e a descrição das riquezas do continente.

*De tudo para a guerra*³² trazia as normas expedidas pela Junta de Produção de Guerra, cuja finalidade era a transformação das fábricas de produtos de bens duráveis como geladeira, rádios, máquinas de lavar e automóveis em fuzis, tanques de guerra e uniformes para os soldados. Informações das cidades envolvidas nesse esforço, assim como opiniões das pessoas atingidas pelas mudanças “desapareciam” do texto. A narrativa caracterizava-se pela informalidade e sequência harmoniosa dos fatos, numa tentativa de denotar ausência de conflitos. A individualidade do cidadão era, na visão da revista, menos importante do que tornar os Estados Unidos o arsenal de guerra para as Nações Aliadas:

A enorme necessidade de matérias primas para serem transformadas em armamentos tem, naturalmente, restringido a produção de artigos de consumo geral, afetando, portanto, a vida cotidiana da população inteira. Até onde irá o rigor dessa restrição, ainda é cedo para determinar-se, mas sejam quais forem os seus extremos, não resta dúvida que o público já está preparado para enfrentá-los de boamente. Em cada sacrifício há a certeza de uma contribuição para a causa da vitória. Todos começam a compreender o alcance da mobilização total, objetivo que se traduz em conseguir o máximo de tudo que for indispensável para manter o país em perfeitas condições de sustentar a guerra e todas as consequências dela derivadas (...). Até a moda, reduzindo seus estilos, contribue para a valiosa conservação de materiais. A eliminação da “bainha inglesa” em calças de homens é um exemplo: 21 pares de bainhas fornecem fazenda bastante para um uniforme militar. E a simplificação da moda feminina acarretará uma economia mínima de cem milhões de metros de fazenda.³³



Figura 8: Nem mesmo no âmbito doméstico o esforço de guerra era esquecido. *Em Guarda*. “De tudo para a guerra”. Ano 1, nº 08, p. 08.

No discurso da época a contraposição entre o “mundo livre” e o “mundo escravizado”, ora revestido de um simplório maniqueísmo, ora tomada como óbvia, tornou-se uma metáfora frequente nas páginas da revista. A diferença entre ambas era evidenciada no *layout* do periódico: o mundo sob a égide dos Estados Unidos continha imagens claras, a começar pelas bordas da folha, e a palavra “liberdade” amplamente disseminada na narrativa discursiva. As fotografias faziam alusão a quatro pilares básicos da sociedade norte-americana – em sentido horário: o lar, a Igreja, a política (democracia) e a família. De maneira pedagógica, para os “irmãos” da América Latina, os estadunidenses emergiam como baluarte de uma sociedade harmônica, pautada em princípios cristãos e livres de quaisquer ameaças autoritárias.

Entretanto, o mundo sob o domínio nazista era escuro, com predominância da cor negra no fundo das imagens. Abria a sequência de fotografias uma mulher de olhos esbugalhados, aterrorizada pela destruição da guerra. A presença da criança ajudava a tornar a cena mais dramática e comovente, o que possivelmente causava imediata repulsa aos leitores. Seguia-se então a mostra de uma igreja destruída, na qual a única coisa que permanecia intacta era a estátua de uma santa. A forte carga simbólica da fotografia tinha a dupla missão de corroborar o aniquilamento de uma instituição secular- a Igreja-, e, portanto, a incivilidade dos nazistas; e ainda obter o apoio dos leitores nas Américas, na sua maioria de forte tradição cristã. Fechavam a comparação duas imagens de judeus humilhados perante soldados alemães, o que transmitia a ideia de que era na Europa que isso ocorria, logo do outro lado do Atlântico. Susan Sontag analisou o papel das fotografias nas guerras e os seus efeitos nos indivíduos. Ela ponderava:

Na fotografia de atrocidades, as pessoas querem o peso do testemunho sem a nódoa do talento artístico tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça (...). A familiaridade de certas fotos constrói nossa ideia do presente e do passado imediato. As fotos traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal (...) fotos que todos reconhecem são, agora, parte constituinte dos temas sobre os quais a sociedade escolhe pensar, ou declara que escolheu pensar (...). Quando há fotos, uma guerra se torna “real”.³⁴



Figura 9: Exemplo de construção da imagem dos Estados Unidos como uma nação civilizada e democrática. *Em Guarda*, ano 1, nº. 8, p.24-25.



Figura 10: Exemplo de construção da imagem dos nazistas como inimigos da democracia. *Em Guarda*, ano 1, nº. 8, p.24-25.

A população civil dos Estados Unidos não passou incólume à Segunda Guerra Mundial. Em diversas fases, ela foi obrigada a participar por meio do racionamento de alimentos, pagamento de bônus de guerra, campanhas para recolhimento de sucatas ou papéis velhos e plantação de hortas para abastecer os soldados no *front*. As dificuldades podiam ser aferidas pela descrição das medidas tomadas no início do conflito:

A conversão em massa de indústrias e a transposição de materiais para a produção bélica têm causado a escassez de muitos artigos com os quais se achava o público americano intensamente familiarizado. A sua escassez e, em muitos casos, completa falta, está levando a todos a noção exata dos sacrifícios que se tornam necessários (...). O

acionamento de açúcar impôs-se para que possam os fabricantes dispor de amplas quantidades para a fabricação do álcool industrial, ingrediente necessário à pólvora sem fumaça. Com a distribuição de cartões, todos terão limitado o seu consumo individual de açúcar. Hotéis e restaurantes estão atendendo escrupulosamente às restrições desse consumo, e fábricas de doces, balas e bombons e bebidas gasosas, que empregam açúcar em quantidade, estão sendo forçado a reduzir a produção. Estanho tem se tornado material estratégico; por isso, produtos alimentícios enlatados estão sofrendo a restrição. A Diretoria de Produção de Guerra publicou uma lista dos alimentos que podem ser enlatados. Aumenta o consumo de frascos de vidros como alternativa para o acondicionamento de produtos alimentícios. Cerveja em lata breve desaparecerá do mercado.³⁵

Por mais pitoresca que possam parecer hoje tais recomendações, centenas de indivíduos e cidades seguiram à risca as diretrizes impostas pela guerra. Campanhas “cívicas” de recolhimento de pneus, alimentos, tubos de creme dental e jornais eram organizadas por associações locais. Não é de surpreender que a revista *Em Guarda* tenha reservado, em suas páginas, espaço privilegiado para demonstrações individuais de heroísmo e desapego material.

Em uma época dominada pela guerra e pautada pela destruição e dor, a publicação de relatos pessoais conferia ao conflito um aspecto de proximidade entre os leitores e os soldados no *front*. Apesar de não se constituir em seção fixa, o gênero biográfico era constante no mensário. Geralmente redigido em duas páginas amplamente ilustradas por fotografias, o texto abria com a descrição da vida cotidiana do biografado – família, trabalho, estudos, diversão. Seguia-se então o momento de ruptura, com a quebra da tranquilidade relatada: o período de treinamento militar sucedido pelo envio à batalha. Assim, de uma hora para outra, o camponês, o operário, o motorista, o atendente de supermercado eram instados à linha de frente da infantaria, operando fuzis e obuses que saíam da linha de produção das indústrias bélicas.

Das páginas da revista *Em Guarda* sobressai um discurso, alicerçado no pan-americanismo e na crença da cooperação e da superação individual que somados garantiam a vitória do país. As explicações e justificativas então produzidas constituíam-se elementos primordiais para o entendimento acerca das estratégias usadas pelos Estados Unidos para obter o apoio do continente. Essa postura, eivada de polêmicas entre os estudiosos, criou profundas raízes no debate sobre a essência

da aliança interamericana na década de 1940. Dessa forma, o periódico constitui-se em fonte privilegiada para acompanhar os passos da construção do pan-americanismo sob a perspectiva norte-americana.

Em Guarda representou o início da presença norte-americana no Brasil, ao lado de Hollywood, da Coca Cola, das revistas de leitura ligeira. Nas suas páginas, centenas de leitores descobriram as maravilhas da pesquisa científica, tiveram acesso a lugares inóspitos retratados nos combates e descobriram a força das mulheres nas fábricas e *fronts* de batalha. Mas, o que sobressaía do conjunto de reportagens era a crença de que, a despeito de todas as ameaças externas e dos desafios impostos pelo contexto da época, os latino-americanos não deviam temer, pois havia uma nação pronta a socorrê-los moralmente, religiosamente e tecnologicamente. Por isso, mesmo após sessenta anos do término de sua publicação, a diretriz defendida pelo mensário permanece atual e usado, às vezes como retórica, pelos políticos norte-americanos.³⁶

A revista *Em Guarda* constitui-se rico material nos estudos acerca da presença dos Estados Unidos e seus valores não somente no Brasil, mas também em toda a América Latina. Nas décadas subsequentes, tal influência demarcou a História política de muitas nações da região, além de aumentar a onda de antiamericanismo nas várias esferas da sociedade. Não se devem ignorar outros periódicos contemporâneos a *Em Guarda* que talvez possam preencher as lacunas não abordadas neste trabalho. Decerto, o atual momento histórico – marcado pela aversão de parte do mundo aos Estados Unidos – requer estudos pautados no que Marc Bloch afirmou em sua obra póstuma:

Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: “compreender”. Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar “à força!”. Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós – estrangeiros, adversário político - passa, quase necessariamente, por mau (...). A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal.³⁷

Recebido para publicação em outubro de 2009.

Aprovado para publicação em novembro de 2009.

Notas:

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação de História Social, UNESP – Assis, bolsista do projeto Bolsa Mestrado, orientado pela Prof^a Dra. Tânia Regina de Luca.

² Apud: SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington)*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p 78.

³ Entendendo que Doutrinas “(...) são leis maiores que orientam a política norte-americana por longos períodos históricos. Elas representam a emanação direta do poder executivo e servem para orientar a diplomacia e os negócios americanos nas suas questões internacionais”. In: SCHILING, Voltaire. *Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p.12.

⁴ Apesar da ideia contida no *slogan* da doutrina deixa transparecer pretensões imperialistas, deve-se ressaltar que os Estados Unidos ainda não era uma potência mundial. Como afirma Schiling: “A doutrina Monroe teve um impacto histórico de longa duração (...). Foi somente com o crescimento do poderio econômico dos Estados Unidos que a doutrina foi sendo posta em prática, mudando seu conteúdo à medida que se concretizava”. Idem, p.13.

⁵ Os principais foram: Panamá (1826), Lima (1847-1848), Santiago (1856), Washington (1856) e Lima (1864-1865).

⁶ O conceito de interamericanismo não pertence ao século XIX. A ideia de identidade abrigava-se sob diversos títulos: americanismo, hemisfério ocidental, pan-americanismo. Outro exemplo controverso foi o conceito de América Latina. Enquanto se atribui a invenção deste conceito ao francês Michel Chevalier em 1836 – ante o avanço da doutrina Monroe no continente americano, alguns intelectuais difundiram o “pan-latinismo”, que defendia a restauração da raça latina sob a liderança da França; não obstante, o caráter primevo do emprego de tal conceito já aparecia nas obras do jurista argentino Carlos Calvo e do poeta colombiano José María Torres Caicedo. Portanto, somente após a Segunda Guerra, o emprego do termo passou a ser utilizado vulgarmente para designar *todos* os países ao sul dos Estados Unidos. Em uma análise bastante reveladora, o cientista político João Feres Junior analisa a história do conceito de “Latin América” nos Estados Unidos. Segundo ele, “o *Oxford English Dictionary* mostra que a expressão “Latin América” somente começou a ser usado em inglês na última década do século XIX. A primeira ocorrência anotada pelo dicionário data de 1850 e encontra-se no documento intitulado *Reciprocity Treaties with Latin América*, de autoria do presidente americano Benjamim Harrison”. Cf. ROLLAND, Denis. *A crise do modelo francês e a Invenção da América Latina. Cultura, política e identidade*. Brasília: Editora UNB, s/d. p. 61; FERES Junior, João. *A história do conceito de “latin América” nos Estados Unidos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

⁷ O conceito de pan-americanismo mudou ao longo do tempo, dependendo dos autores envolvidos e dos interesses em jogo. Em alguns trabalhos, os estudiosos diferenciam as noções de “Latino-americanismo” (ligada a Simón Bolívar) e “Pan-americanismo” (em referência aos Estados Unidos). Este é o caso de GLINKIN A. *El Latinoamericanismo conta El Panamericanismo (desde Simões Bolívar hasta nuestros días)*. Moscou: Editorial Progreso, 1984. Este afirma “(...) [pan-ameicanismo] la doctrina ideológica de la comunidad de intereses de EEUU y sus vecinos del Sur, promovida por los círculos gobernantes norteamericanos a finales del siglo XIX, y la política que sobre la base de esta doctrina practica Washington, orientada a crear y fortalecer un bloque económico y político-militar de los Estados de esta región bajo la égida de Estados Unidos”, p. 20.

⁸ Telegrama de Osvaldo Aranha a Vargas, 24/11/1937, Apud: MC CANN, Frank D. Jr. *A aliança Brasil - Estados Unidos, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, pp. 62-63.

Sobre biografia de Osvaldo Aranha consultar o *Dicionário histórico-biográfico pós-1930*/coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. Ed.rev. e atual. - Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, 5 v.

⁹ Em entrevista à revista *Veja*, o irmão David Rockefeller discorreu acerca da tradição de sua família para a filantropia. Com o sugestivo título *Um velho amigo*, destacou: “Poucos sabem, mas viajo pela América Latina há sessenta anos. Vim ao Brasil pela primeira vez em 1948, com meu irmão Nelson. Ele foi coordenador de Relações Interamericanas do presidente Franklin Roosevelt durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1944, tornou-se subsecretário de Estado para a América Latina. Em razão desse trabalho, Nelson ficou amigo de vários brasileiros, especialmente Walter Moreira Salles. Desde o começo, fiquei encantado com a beleza do país e com a energia e o entusiasmo dos brasileiros. Minha experiência com o continente fez com que eu criasse a *Américas Society* e o Conselho das Américas, há 41 anos. O papel de ambas as entidades é promover o entendimento no continente e fortalecer os laços entre os setores público e privado da região. Nossa nova estratégia consiste em levar membros da organização em viagens para a América Latina”. Entrevista concedida a Tânia Menai, revista *Veja*, 29 de Novembro de 2006, p.11.

¹⁰ MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana*. São Paulo : Brasiliense, 1984. p.7-12.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Guerra das Imagens: Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Roosevelt*. São Paulo, Mestrado em História. São Paulo: FFLCH/USP,2003, p.109-110.

¹¹ PEREIRA, Wagner Pinheiro. *Guerra das Imagens: Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Roosevelt*. São Paulo, Mestrado em História. São Paulo: FFLCH/USP,2003, p.109-110.

As informações sobre o filme e outras curiosidades podem ser acessadas no endereço eletrônico: Disponível em <[www. animatoons.com. br/movies/saludos_amigos/](http://www.animatoons.com.br/movies/saludos_amigos/)> Acesso em novembro de 2008.

¹² As informações sobre o filme e outras curiosidades podem ser acessadas no endereço eletrônico: Disponível em <[www. animatoons.com. br/movies/saludos_amigos/](http://www.animatoons.com.br/movies/saludos_amigos/)> Acesso em novembro de 2008.

MEACHAN, Jon. *Franklin e Winston*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 104.

¹³ MEACHAN, Jon. *Franklin e Winston*. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 104.

Em Guarda, vol. 1, nº01, p.01.

¹⁴ *Em Guarda*, vol. 1, nº01, p.01.

Em Guarda, op.cit.

¹⁵ *Em Guarda*, op.cit.

TURNER, Frederick Jackson. *Oeste americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004, p. 24.

¹⁶ TURNER, Frederick Jackson. *Oeste americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004, p. 24.

Em Guarda, vol.1, nº. 1. Na sequência, tínhamos as seguintes informações a respeito de sua confecção: “Publicação Mensal da Seção de Coordenação de Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas americanas. II West 54 TH Street, Nova York. Preço em todos os países, 15 centavos de dólar. Registrada no correio da Filadélfia, PA, como impresso de segunda classe, a 08 de abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de março de 1879”.

¹⁷ *Em Guarda*, vol.1, nº. 1. Na sequência, tínhamos as seguintes informações a respeito de sua confecção: “Publicação Mensal da Seção de Coordenação de Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas americanas. II West 54 TH Street, Nova York. Preço em todos

os países, 15 centavos de dólar. Registrada no correio da Filadélfia, PA, como impresso de segunda classe, a 08 de abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de março de 1879”.

Outras revistas que possuíam um grande formato, valorizador das imagens, eram *Life* (36 cm X 54 cm) e *O Cruzeiro* (34 cm X 50 cm).

¹⁸ Outras revistas que possuíam um grande formato, valorizador das imagens, eram *Life* (36 cm X 54 cm) e *O Cruzeiro* (34 cm X 50 cm).

¹⁹ Expressão utilizada na fotorreportagem para designar as páginas ocupadas por fotografia, sem o espaço destinado às margens. Como pode ser visualizado na contracapa da revista *Em Guarda*, Ano 1, nº. 10.

²⁰ *Em Guarda*, Ano 1, nº. 10. MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de pesquisa de Relações Internacionais, 2003, p. 86.

²¹ . MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de pesquisa de Relações Internacionais, 2003, p. 86.

Em Guarda, “Viveres das Américas!”. Ano 2, nº 01, p. 16.

²² *Em Guarda*, “Viveres das Américas!”. Ano 2, nº 01, p. 16.

Em Guarda, “Agricultura Científica”. Ano 4, nº 05, p. 17.

²³ *Em Guarda*, “Agricultura Científica”. Ano 4, nº 05, p. 17.

Idem, p. 25.

²⁴ *Idem*, p. 25.

Em Guarda, “Brasil”. Ano 1, nº 10, p. 11.

²⁵ *Em Guarda*, “Brasil”. Ano 1, nº 10, p. 11.

Idem, p. 12.

²⁶ *Idem*, p. 12.

Em Guarda, Vol.1, nº 02, p. 01.

²⁷ *Em Guarda*, Vol.1, nº 02, p. 01.

Em Guarda, *op. cit.* p.01.

²⁸ *Em Guarda*, *op. cit.* p.01.

Ibidem, p. 02.

²⁹ *Ibidem*, p. 02.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.47.

³⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.47.

Em Guarda, Ano 1, nº. 05, p. 01.

³¹ *Em Guarda*, Ano 1, nº. 05, p. 01.

Em Guarda. “De tudo para a guerra”. Ano 1, nº08.

³² *Em Guarda*. “De tudo para a guerra”. Ano 1, nº08.

Ibidem, p.08.

³³ *Ibidem*, p.08.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 26 e p. 73.

³⁴ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 26 e p. 73.

Em Guarda. op. cit. Ano 1, nº 07, p. 5-6.

³⁵ *Em Guarda. op. cit.* Ano 1, nº 07, p. 5-6.

O discurso de posse do presidente Barack Obama no início do ano, sem ressalvas, ter sido escrito para um artigo da revista *Em Guarda*, pois em sua estrutura nota-se o uso de recursos estilísticos comuns à publicação: recorrência ao passado para justificar o presente e o futuro, força do exemplo pessoal e do sacrifício em prol da nação, escrita grandiloquente, estima pela Constituição e pelos “pais fundadores”.

³⁶ O discurso de posse do presidente Barack Obama no início do ano, sem ressalvas, ter sido escrito para um artigo da revista *Em Guarda*, pois em sua estrutura nota-se o uso de recursos estilísticos comuns à publicação: recorrência ao passado para justificar o presente e o futuro, força do exemplo pessoal e do sacrifício em prol da nação, escrita grandiloquente, estima pela Constituição e pelos “pais fundadores”.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 128.

³⁷ BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O Ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 128.